

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 233

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

As Congregações em França

Continuemos a resumir o resumo da obra magistral de Debidour.

A *Assembléa legislativa*, que substituiu, em 1 de outubro de 1791, a *Assembléa constituinte*, não morre de amores pela constituição civil do clero. Achava-a muito moderada. Mas não tinha outro recurso senão reconhecê-la e acata-la.

Muitos prelados tinham já emigrado e tentavam revolucionar a França por meio dos seus pamphletos e dos seus jornaes. Os curas refractarios, os curas rebeldes, teimavam em permanecer no exercicio das suas funcções, revoltando-se contra as leis novas da Revolução. Os padres constitucionaes, que tinham reconhecido a lei, continuavam a ser ultrajados, espancados, ou dispensados, pela maior parte da população. Os que tinham abandonado os seus cargos, sem, todavia, quererem prestar juramento, vagueavam pelos campos, onde arengavam ás multidões, excitando-as á rebellião.

No Maine e Loire já se reuniam milhares de camponeses armados. A cidade de Caen era posta a ferro e a fogo. Em Avignon, reinava uma verdadeira anarchia. Aqui os fanaticos tinham assassinado o chefe do partido revolucionario. Em represalia, os patriotas agarraram cem fanaticos e, durante a noite, assassinaram-nos quasi todos, na prisão.

Todas estas noticias eram pouco tranquilisadoras. E a *Assembléa*, para pôr termo á excitação dos animos, promulgou um decreto, a 29 de novembro, agravando singularmente a condição dos padres rebeldes. Aquelles que no prazo de oito dias não prestassem o juramento civico, ficariam sem qualquer pensão ou ordenado pago pelo thesouro publico. Além d'isso, seriam suspeitos de *revolta contra a lei e de más intenções contra a patria*, ficando, como consequencia, sujeitos á vigilância da policia. Os que se encontrassem nas communas, onde se produzissem desordens por motivo de opiniões religiosas, seriam transferidos d'ahi, e, não obedecendo, condemnados a um anno de prisão. Os que provocassem a desobediencia á lei e ás autoridades seriam punidos com dois annos de prisão. Emfim, os directorios departamentaes organisariam listas dos ajuramentados e não ajuramentados, e envia-las-iam á *Assembléa nacional*, para que esta ficasse habilitada a tomar uma *resolução extrema* a fim de *extirpar a rebellião* (palavras textuaes) que se encobre com o pretexto d'uma pretendida dissidencia no exercicio do culto catholico.

Luiz XVI oppoz, em 19 de dezembro, o veto a esse decreto, o que não impediu que alguns directorios departamentaes o cumprissem á risca, como se estivesse revestido da sancção real.

A 20 d'abril de 1792, a instancias da *Assembléa*, o rei, que em março anterior tinha chamado ao poder um ministerio girondino, do partido mais avançado da camara, com o fim reservado de lançar maior perturbação no paiz, declarou guerra á Austria, guerra que começou por um revez, tornando-se o perigo

nacional gravissimo. Os prelados e padres emigrados é que tinham levado a Austria á provocação. E foi o clero, quasi em peso,—cincoenta mil agentes ecclesiasticos trabalhavam em França ás ordens da colligação anti-revolucionaria—que levantou, n'esse momento critico, os maiores embaraços ao governo francez.

Um novo breve do papa, com data de 19 de março de 1792, foi profusamente espalhado nos campos, condemnando, com mais violencia do que nunca, a constituição civil e aquelles que a aceitavam.

Sob a impressão produzida por estas provocações, a *Assembléa* votou, a 17 de maio de 1792, um decreto agravando o de 29 de novembro ultimo. O rei oppoz-se, como se tinha opposto a este. O ministerio intimou o rei a sancção-lo e este tomou o partido de demittir os ministros, o que deu logar a uma grande revolta. O povo invadiu as Tulherias, insultando e ameaçando, durante algumas horas, o rei e sua familia.

Notaremos de passagem que Luiz XVI, a *santa creatura* que os reaccionarios descrevem, fez muitas d'essas. D'onde se conclue que não foi senão justa a sorte que teve. Como Carlos I de Inglaterra, como Alexandre da Servia, como tantos outros, não obstante as lamurias hypocritas de reaccionarios e sentimentalistas imbecis.

A partir de 20 de junho, os acontecimentos precipitaram-se. A corte cada vez intrigava mais com o estrangeiro contra a França. Luiz XVI reclamou loucamente o insolente manifesto de Brunswick, que acabou de o perder. Paris levantou-se em armas. As Tulherias foram tomadas d'assalto, e, depois do 10 de agosto, o rei, suspenso dos seus poderes, foi preso.

A 21 de setembro, a *Assembléa legislativa* era substituida pela *Convenção*, cujo primeiro acto foi a proclamação da Republica.

A *Convenção* mostrou-se menos disposta ainda do que a *Assembléa* a transigir com os padres rebeldes. A maior parte dos seus membros, hostis ás idéas religiosas, não se limitavam a hostilizar o clero refractario. Hostilizavam o próprio clero constitucional. Professavam um deismo largo e vago como o de Danton, ou dogmatico e auctoritario como o de Robespierre. Alguns iam mais longe: não admittiam crenças, nem acreditavam em Deus. E todos estavam d'accordo n'um ponto: que o christianismo tinha tido o seu tempo e que era urgente subtrahir a França á sua influencia.

Comtudo, quando a 16 de novembro, Cambon, no interesse das finanças, pediu que o vencimento dos padres fosse supprimido e que o Estado não subsidiasse mais nenhum culto, a camara rejeitou essa moção. Robespierre, Danton e Pétion, elles proprios, a combateram em nome da paz publica. Era a Republica a facilitar um accordo, inteiramente impossivel, como se vae vér.

Nos primeiros mezes de 1793, a situação exterior tinha-se aggravado rapidamente. Em seguida á execução de Luiz XVI (21 de janeiro) a França viu-se a braços com a maior parte da Europa e a *Convenção* votou um levantamento de 300.000 homens. Foi o signal d'uma insurreição. Os mancebos de dez departamentos do Oeste; excitados pelas exhortações sediciosas dos

padres, revoltaram-se contra as ordens dos poderes publicos e recusaram partir para a fronteira. Os *vendeans* levantaram-se tambem, muito mais em nome da religião do que do rei. Estes fanaticos, com a imagem do Coração de Jesus cosida na jaqueta e rosarios ao pescoço, commetteram as ultimas atrocidades e infamias. Atavam os prisioneiros á *arvore da liberdade*, e fuzilavam-nos. Queimavam-nos vivos, entoando o canticos dos canticos. Padre constitucional que apanhassem, sujeitavam-no ao ultimo martyrio. Quando tomavam uma cidade, completavam a pilhagem com execuções summarias.

A *Convenção* tornou os padres refractarios responsaveis por estes males. Em 18 de março decretou que todo o emigrado, ou padre deportado, que fosse encontrado no solo nacional, seria executado em 24 horas. Quanto aos membros do clero regular ou secular, que, antes de 23 de março de 1793, não tivessem jurado manter a egualdade e a liberdade, em harmonia com o decreto de 15 de agosto de 1792, seriam deportados para a Guyana sem demora.

Mandou transferir os livros de assentos das parochias para as mairies, decretando o registo civil, que substituiu o registo religioso. Auctorizou, e não só auctorizou como, por todas as fórmulas, incitou e protegeu, o casamento dos padres, aproveitando-se alguns d'elles, até bispos, d'essa concessão. Emfim, de repressão em repressão foi até á ruptura definitiva com a Igreja, que só assim conseguiu submeter e dominar.

A *Igreja Nacional*, sonho d'utopistas, só deu a guerra civil e a guerra estrangeira, como acabamos de provar. Emquanto o governo foi conciliador, as violencias, os desacatos, accumularam-se, rebentando audaciosos de todos os lados. Só terminaram quando o governo apertou com mão de ferro o gasganete á clericalha.

Assim foi. Assim será.

E nós continuaremos a demonstrar-lo.

INVEJOSOS

O *Dia*, a proposito de Guerra Junqueiro, registava o facto do portuguez ser o bicho mais invejoso do orbe terraqueo, capaz de comer o seu semelhante quando lhe vé um bocadinho de valor.

Lá isso é certo.

Não ha portuguez mais odiado de portuguezes do que aquelle que manifesta merecimento.

E o *Dia* cita muitos factos em abono d'essa affirmacção.

Lá isso é certo.

Certissimo!

Não queira ter valor n'este paiz.

«POVO DO NORTE»

Entrou em novo anno de publicação este prezado collega republicano.

As nossas cordeaes felicitações.

Livros e folhetos

Temos em nosso poder alguns, que apreciaremos n'um dos proximos numeros.

TRIGOS

O illustrado correspondente do *Debate* lêu o artigo que aqui publicamos em 1 de maio, porque foi a proposito d'esse artigo que se travou entre nós esta amena discussão. Ora se o lêu não lhe devem restar duvidas de que o pão branco é mais digerivel, é mais alimenticio, do que o pão escuro.

Não sendo nós cathedraticos, não quizemos falar cathedraticamente sobre o assumpto. Não quizemos dizer abertamente aos membros do congresso que tinham perflhado um erro, deixando expôr um quadro, nas salas do *Instituto de Coimbra*, onde se affirmava que o pão escuro era mais digerivel e mais alimenticio do que o pão branco. Mas de todo o artigo se conclua, eloquentemente, a evidencia d'esse erro.

Tomou-se a analyse chimica como absoluta, sem se attender á experiencia physiologica.

Não temos, pois, que censurar a moagem por ter introduzido no paiz o gosto do pão branco. Temos que a censurar mas é pelas suas falsificações, pelo seu espirito de ganancia, tão condemnavel como o do lavrador.

Não é só á beira dos rios que prospera bem o trigo que dá pão branco. N'estas enormes planicies de Aveiro—já o dissémos—o trigo gallego produz farinha excellente. Os lavradores é que o não querem cultivar. O trigo ribeiro,—tambem já o dissémos—vinda a semente todos os annos do Ribatejo, produz farinha melhor ainda que a do trigo gallego. Mas os lavradores não se incommodam a mandar vir a semente de fóra, annualmente. E' esse egoismo, ou essa ignorancia, que nós condemnamos.

E para que se ha de elle incommodar? Tem a lei, que lhe permite tudo.

Nós fazemos plena justiça ao collaborador do *Debate*. Não o conhecemos. Não sabemos com quem estamos tratando. Mas vemos, pelas suas cartas, que é um homem intelligente, um espirito progressivo e patriota. D'ellas recebemos a impressão de que estamos tratando com um portuguez de lei. E não ha hoje, n'este pantano que nos envenena, impressão mais consoladora para a nossa alma. Não hesitamos um instante, pois, em acreditar, que é com toda a sinceridade que o nosso antagonista defende a lei dos cereaes, e que seria incapaz de commetter, á sombra d'ella, um acto menos regular. Mais: estamos convencido, bem convencido, que é dos poucos que aproveitam o regimen protecçcionista, para dar, pelo seu lado, melhoria e impulso á nossa agricultura.

Mas quantos estão nas mesmas condições? Quantos, se *Um Lavrador* manifesta bem, nas suas palavras maguadas, a tristeza que lhe vae no coração, como a todos os homens d'alguma energia intellectual e moral, pelo espectáculo desolante que esta sociedade envilecida a todos nos offerece?

Nós não exaggeramos os defeitos do lavrador portuguez. E permitta-nos o illustre contendor que não sigamos passo a passo as suas palavras. Hoje, como sempre, discutimos com toda a lealdade. Mas para não alongarmos muito a discussão, responderemos, apenas, aos pontos que reputarmos capitaes.

Nós não exaggeramos os defeitos do lavrador portuguez. Não queremos mal algum a essa classe, nem a nenhuma. Não soffremos d'esse jacobinismo abominavel. Antes, todas nos morocem sympathias e respeito. Mas nem por isso deixaremos de censurar, em todas, os erros, os vicios, os defeitos. E' uma obra de moralisação e de caracter. E *Um Lavrador*, que lê o *Povo de Aveiro*, ao que parece, tem visto isso, sem duvida, muita vez.

A lavoura portugueza vende o trigo carissimo, 720 réis cada dez kilos, o trigo molle, 690 réis, o trigo rijo, o dobro do preço porque, normalmente, se vende em França, que é, depois de Portugal, a nação mais protecçcionista da Europa. Na Alemanha, tambem profundamente protecçcionista, o preço dos dez kilos tem regulado, nos ultimos 20 annos, entre 320 e 400 réis.

Tendo preço certo do trigo e venda certa, é ainda o dono da terra quem fixa o direito sobre o trigo estrangeiro, a quantidade a importar e a epocha de importação, levando o seu *contrôle* vergonhoso até ao ponto de preferir a importação da farinha, e, em ultimo caso, a importação do proprio pão cosido, como já tem acontecido, com prejuizo da industria, com gravame do thesouro, á importação do trigo.

O que nos deu em paga? Como compensou o paiz d'esse escandaloso regimen de protecção, unico no mundo? Aperfeicou e alargou as suas culturas? Não. Ficou ainda com o direito de cultivar e vender o trigo que quer, por peor, mais ordinario, mais improprio que elle seja, e de o vender quando quer e como quer. Porque a verdade—que todos conhecem—é que o lavrador só manifesta o trigo de peor qualidade, reservando o melhor para especular com a concorrência dos moageiros, ou vendendo-o, para o mesmo effeito, aos açambarcadores. Sendo o preço da tabella, como dissémos, de 720 réis cada dez kilos, para o trigo molle, não é raro elle vender-se a 800 réis, a 850 e, até, a 900 réis!

Isto é um cumulo!

E não quer o illustrado correspondente do *Debate* que digamos: morra Martha, morra farta.

Pois olhe, é a attitude, já, dos mais conservadores.

O sr. Anselmo de Andrade, que temos citado de preferencia porque, tendo sido presidente da *Real Associação de Agricultura*, não pôde ser suspeito á lavoura, diz no *Portugal Economico*:

«N'esta questão dos cereaes, a obrigaçao imposta aos moageiros de comprar o producto nacional por um certo preço, a fixação das quantidades de trigo exotico a importar, a distribuição d'essas quantidades pelas fabricas, são talvez uteis expedientes para atalhar difficuldades transitorias, mas não se podem erigir em systema. JÁ SE TINHA MELHOR ECONOMIA POLITICA NA EDADE MEDIA.»

E, n'outra parte:

«A importancia das colheitas internas, os saldos existentes, a produção estrangeira, o custo dos fretes e dos cambios, são elementos reguladores das vendas e dos preços em todos os mercados, mas a tudo isso, que opprime os nossos vinhateiros, e traz em plena crise a viticultura portugueza, escapa o trigo nacional, favorecido por um privilegio, que seria i-iquo e gravemente perturbador abolir, MAS DE QUE SE NÃO PODERA JUSTIFICAR A PROIBIÇÃO EXISTENTE, se tal regimen não tiver por fecho e termo a completa extincção do nosso deficit de cereaes.»

Como se vê, o sr. Anselmo de Andrade não anda muito longe de nós. Por um lado entende que já se tinha melhor economia política na *idade média*. Por outro entende, que *tal regimen se não pôde prolongar se não tiver por fecho e termo a completa extincção do nosso deficit de cereaes.*

Ora tal termo não apparece. Nem esperanças. Por isso nós dissémos: morra Martha, morra farta.

Sim, sim. Este caso é muito mais sério do que se afigura a muita gente. N'um relatório, apresentado ao 2.º congresso contra a tuberculose, dizia o sr. Silva Carvalho:

«Sabendo-se quanto tem augmentado o preço do pão comprehendendo-se perfeitamente quanto tem encarecido a vida, e vê-se claramente a razão porque não tem augmentado mais o numero de casamentos, porque tem diminuído a natalidade e porque os progressos crescentes da hygiene não tem conseguido diminuir mais a mortalidade.»

Custando um kilo de pão em Londres 45 réis, se calcularmos que em Portugal custa, em média, 90 réis, que são dois milhões de portuguezes comem pão de trigo, e que cada um não come mais do que meio kilo cada dia, teremos que o povo portuguez gasta mais do que o inglez, só em pão, 45 contos de réis por dia, ou **16:425 contos** por anno. Multiplicando por 15 annos, que ha tantos dura entre nós a lei dos cereaes, chegamos á conclusão de que tão famosa lei, que já conseguiu fazer diminuir o numero de casamentos e a natalidade, tem custado ao infeliz consumidor portuguez, a bella somma de **246:375 contos**.

E' uma questão muito séria. Sériissima. E, por isso mesmo que o é, voltaremos a ella no proximo numero.

Até domingo.

Bombeiros voluntarios

Esta prestimosa e benemerita associação local, que tão bons e relevantes serviços tem prestado a esta cidade, distribuiu ha dias por muitos cavalheiros, uma circular pedindo-lhes o seu auxilio monetario para compra de material de que tanto necessita e para despesas de outro que precisa ser reparado, encontrou na maioria d'esses senhores todo o seu apoio e boa vontade, mandando-se inscrever como socios benemeritos.

Outros ha, porém, que, ou por descuido ou outro qualquer motivo imprevisto, não têm respondido ao pedido para fim tão altruista.

E' d'esses, pois, que a digna direcção confia e espera a sua adhesão para um fim tão sympathico como humanitario.

Houve principio de incendio na noite do dia 24 na foligem da chaminé do hotel Cysne, extinguindo-se de prompto.

Em que se gasta o dinheiro

Dizem de Lisboa que foram autorizadas reparações no convento de Jesus.

Ora muito bem. O edificio para as repartições publicas está parado por falta de dinheiro, não pagam aos empreiteiros, mas ha dinheiro para se gastar n'uma casa que serve hoje de collegio de quem o estado não recebe cinco réis de rende, collegio que, segundo nos dizem, tira de lucro rios de dinheiro, collegio que se acoberta com este nome e que afinal é um estabelecimento de propaganda jesuitica.

E o governo deixa de concorrer para o que é mais indispensavel, pois tem as suas repartições por casas particulares, pagando grandes rendas e tem dinheiro para obras em edificios que elle não utiliza e cede em proveito de instituições condemnadas por todos os principios.

Coisas do nosso infeliz paiz!

Carta do Porto

Recebemo-la já tarde, quando o nosso jornal já estava composto, por isso não a podemos publicar como era nosso desejo.

O analfabetismo NO EXERCITO

Portanto, nem o elemento militar, nem o elemento civil, consideram vergonha, na Alemanha, na França e na Italia, ministrar instrução litteraria ao soldado na caserna. Houve resistencias, é certo. Até na propria Alemanha. Em parte alguma, os bons principios triumpham sem luctas. Mas essas resistencias desappareceram e hoje todos se rendem á verdade. Principalmente na Alemanha. Aqui, até, já desapareceu por completo, pôde-se dizer, embora nos regimentos aquartelados nas provincias d'Este possa ainda alistar-se um ou outro analfabeto, a necessidade do ensino. Mas emquanto durou essa necessidade, não se pouparam os officiaes a esforços, e todos cumpriram, como o primeiro e mais sagrados dos deveres, o de dar auxilio efficaz á obra patriótica da extincção do analfabetismo.

A rotina oppoz-se ao ensino litterario, no exercito allemão, como se oppoz á autonomia da companhia. Ahí por 1850. Nós vamos sempre, em tudo, mais de meio seculo atrasados aos outros. Mas, tornada a companhia autonoma, a ninguem mais se offereceu duvida de que era ella, e só ella, que devia ministrar todo o ensino. Ensino profissional e ensino litterario.

Em Portugal, a companhia gosa só de meia autonomia. Mas essa meia autonomia exerce-se, precisamente, na instrução. D'antes não era a companhia que instrua os seus recrutas. Hoje é ella que os instrue. Technicamente, é claro. Ora se os recrutas, technicamente, passaram de ser instruidos por regimento a ser instruidos por companhia, o mesmo deve succeder com a instrução litteraria em geral, e com a das primeiras letras, em especial. E' isto que impõe a logica, é isto que impõe o bom senso. Foi isto que entenderam os allemães, por isso mesmo que não constituem um povo chicaneiro e imbecil.

O capitão toma conta dos seus soldados e instrue-os completamente. Nada tem com elles, nada deve ter, o capellão. Isso era bom para o antigo regimen, quando a instrução não era privativa da companhia. Mesmo porque o capellão, sabe-o todo o exercito, pouco pôde fazer.

Se não querem entregar toda a instrução, incluindo a de primeiras letras, ao cuidado e á responsabilidade do commandante da companhia, então tenham a franqueza e a coragem, que é mais nobre, de declarar abolida a instrução litteraria no exercito portuguez.

E' o melhor. Ha sempre, mesmo em cousas más, uma certa dignidade na franqueza.

Por esse lado, pois, não ha que objectar. Allegar-se que a instrução litteraria rouba tempo á instrução militar, prejudicando-a, é, já vimos, outro argumento infeliz. Chega mesmo a ser ridiculo. Porque ao espirito de todos os homens intelligentes accode, de prompto, esta pergunta: «Como é que a instrução litteraria prejudica, em Portugal, a instrução militar, e não a prejudica na Alemanha, na França e na Italia?»

E esta simples observação, este simples confronto, este simples raciocinio, basta para nos cobrir de ridiculo.

«E', por ventura, o soldado portuguez, mais instruido, technicamente, do que o soldado francez, italiano, ou allemão? Tem pretensões de o ser? Então...»

O raciocinio pára, suspenso, á espera da resposta. E a resposta impõe-se, imperiosa, cathegoricamente.

«Então não é verdade, não pôde ser verdade, que o soldado fique prejudicado nos seus conhecimentos profissionais adquirindo o conhecimento das letras. E' um subterfugio. E fraco subterfugio.»

Assim argumentará toda a gente. E argumenta bem.

Nós sabemos, porém, onde vão bater os que pretendem que a instrução militar fica prejudicada com a instrução litteraria. Elles querem dizer que entre as onze da manhã e as trez da tarde não ha tempo para tudo.

Tem razão. Não ha. Mas o erro é confundir um homem que usa uma espada com um homem que usa manga d'alpaca. O erro é querer, á força, que o official seja um burocrata.

Não é. Não pôde ser. E, se o fôr, não ha exercito.

Ainda ahí o nosso official é gravemente prejudicado pelo confronto com o official estrangeiro. Este trabalha immenso. E, ainda assim, ministra instrução litteraria ao soldado. O nosso official trabalha muito menos e declara que a não pôde ministrar.

São os nossos habitos ociosos. Habitos de todo o paiz, affirme-se. Longe de nós insinuar que a ociosidade éapanagio do exercito. Nem queremos, mesmo, dar a essa ociosidade o caracter de ociosidade viciosa. Pessoalmente viciosa. E' uma ociosidade do habito, da educação, do meio. Mas urge reagir contra ella. Ou estamos perdidos. E do exercito, que tem uma missão patriótica, é que essa reacção, sobretudo, devia partir.

E' de noite, como vimos da transcripção que fizemos do livro de Henry Beranger, que o official e o sargento do exercito francez ministram instrução litteraria aos analfabetos, e não analfabetos, das suas companhias. Mais a França é, como dizem, a terra dos *espiritos futeis*.

O tenente do exercito allemão, di-lo o principe de Hohenlohe na 7.ª carta do seu livro, já referido, levanta-se ao toque d'alvorada, anda todo o dia em serviço, e ainda volta á caserna, depois de jantar, para dar theorias ao sargento e ao soldado.

Não seria muito que o official portuguez, ao menos durante os quatro mezes de recruta, desse de manhã e á noite, como fizeram os de infantaria 23, uma lição litteraria aos soldados. Os oito mezes restantes, em que o trabalho não mata, davam de sobejo para compensar o excesso que n'aquelle periodo tivessem.

Não querem? Não queiram. Mas não digam, ao menos, que não dão a instrução litteraria porque ella prejudica a instrução militar.

A instrução no Japão

Em 1874 as escolas publicas do Japão eram frequentadas por 1.700.000 creanças. Hoje o numero dos alumnos é superior a 5 milhões!

Em 1874 a despesa annual com a instrução publica era de 8 milhões de francos; hoje passa de cem milhões, além de 67 milhões com que as municipalidades, os districtos, e as prefeituras contribuem.

O Japão recebeu da China, como indemnisação de guerra, 250 milhões e tudo empregou no ensino e casas de escola.

Simplemente admiravel tudo isto, e narrado por um russo tem muita importancia.

Fallecimentos

Falleceu na quarta-feira n'esta cidade a sr.ª Felicia da Luz Henriques, senhora já de avançada idade e esposa do nosso amigo sr. Luiz Henriques, a quem enviamos o nosso cartão de pezames.

Tambem está de luto pela morte de sua tia a esposa do sr. dr. João Feyo Soares d'Azevedo, digno secretario geral d'este districto, a quem enviamos cumprimentos de pezames.

Pesca

Houve esta semana em S. Jacintho boa amostra de sardinha, escolhendo-se já alguma para o norte.

Cartas d'Algures

24 DE JUNHO.

Foi apprehendido o *Debate* e o *Mundo*. Foi processado o *Norte* e outros. Isto é, continua a miseravel situação da imprensa portugueza.

Contra essa apprehensão protestam os que não foram apprehendidos. Mas protestam por simples delicadeza, ou pudor. Quando não é por refinada hypocrisia. Alguns, dos proprios que protestam, applaudem, no fundo, por despeito, odio ou interesse. Ora, mesmo que os protestos sejam sinceros, não ha de ser d'ahi que ha de vir a força ou o triumpho.

O jornalismo nacional não tem prestigio. Mais do que uma vez o *Povo de Aveiro* o tem escripto, com applauso de varios collegas, que transcreveram, mesmo, alguns d'esses artigos.

O jornalista portuguez é o primeiro que a si proprio se despreza. Se tem talento, não é profissional, é amator. Se é profissional, não tem talento. Com excepções. E' claro que partimos da regra geral para as excepções. Não podemos partir das excepções para a regra geral.

O homem de talento, que escreve em jornaes portuguezes, é medico, é professor, é advogado, é militar, é qualquer coisa, menos jornalista. Não o quer ser. Tem vergonha de o ser. O jornalista, o profissional, é outro. Esse não tem exame de instrução primaria, nem attestado de bom comportamento.

A imprensa é a primeira força social. A força dirigente, a força educadora, a força decisiva. Acima do parlamento, acima do exercito, da magistratura, do professorado, de todas as instituições, de todas as classes. Pois para ser continuo de qualquer repartição é necessario exame de instrução primaria e para ser creado de servir attestado de bom comportamento. Para ser jornalista, o educador, o inspirador, o guia supremo, não é preciso nada! Entrada franca! E' chegar á porta das redacções, e entrar. Escusa mesmo de tirar o chapéo e de pedir licença. E' entrar! E' a mais facil e accessivel de todas as profissões.

O ultimo idiota, ou o ultimo canalha, é livre para falar do alto da tribuna a quem o quer ouvir. Tem na sua mão anarchisar, desvirtuar, envenenar a cada instante a consciencia publica. E fa-lo. A toda a hora estamos vendo que o faz. Incita ao crime, incita ao deboche, incita ao desprezo e á zombaria da virtude, préga todos os desvarios, proclama todas as asneiras. Impunemente! Ninguem lhe pergunta quem é, donde vem, o que vale moralmente, o que vale intellectualmente. Um mestre escola ha de ser pessoa de bons costumes. Elle, o grande educador, elle, que fala a mulheres e a creanças, elle, que tem a escuta-lo um publico enorme, pôde ser um vicioso, um depravado, um cynico, homem cheio de defeitos ou de crimes. E' o mesmo.

Mettem-lhe na mão a arma mais perigosa, a mais temivel dos tempos modernos. Volta-a contra a sociedade que inconscientemente li'a entrega? Converte-a em

instrumento de depravações e de desordens? E' o mesmo.

Eis porque a imprensa não é livre! Para que seja livre é necessario que seja responsavel. E não é responsavel sem ter instrução e moralidade.

Por um lado, deixam-na commetter todos os desvarios, praticar todas as asneiras. Por outro lado, desprezam-na, insultam-na e cospem-na.

Mas quem ha de fazer essa obra de educação, essa obra de moralisação? O proprio jornalista. O jornalista *d'élite*. Para o que bastará que se resolva a pensar a sério no assumpto.

A redempção do jornalista ha de ser obra, sobretudo, do mesmo jornalista.

Isto não é doutrina nova. Um grande magistrado francez, Cruppi, e um grande advogado, Poincaré, já a desenvolveram largamente. Ambos elles reclamam que a lei imponha capacidade moral, e capacidade intellectual, ao jornalista. Saiba-se. E é bom que o digamos, para que varios idiotas não se riam da pretensão de se exigir ao jornalista attestados de bons costumes, como se exige ao creado de servir, ou provas n'um concurso, como se exige ao professor. Não mettemos em casa um creado sem termos adquirido a certeza de que é um homem honesto. Não damos um preceptor aos nossos filhos sem termos inquerido minuciosamente das suas habilitações. E sentamos á banca d'uma redacção o primeiro que apparece.

Ambos elles defendem a necessidade immediata de dar ao particular todos os meios, mais praticos, de fazer castigar a *chantage*, a calumnia, a diffamação.

Ambos elles pedem um tribunal de imprensa, composto das maiores auctoridades da propria imprensa e da magistratura, presidido por um juiz unico e inamovivel, uma jurisdicção especial que não deixe o jornalista á mercê da ignorancia, das paixões, das influencias de partido e do medo.

Mas o jornal, dir-se-ha, desmoralizou o publico, e o publico, desmoralizado, já não quer senão a gazeta immoral. E' um circulo vicioso. Não. Uma minoria, que defende energeticamente a verdade e a justiça, como escreve Bérenger tratando d'este assumpto, vem sempre a converter-se em maioria. Aos publicistas, como diz ainda o escriptor francez que fica indicado, aos advogados, aos professores, a todos os homens honestos que podem dispôr d'uma tribuna, compete fazer penetrar esta verdade até ao fundo da consciencia publica.

A elles, e á *Associação dos Jornalistas*, entre os jornalistas que n'ella existam dignos d'esse nome.

A acção do jornalismo é enorme. O seu poder illimitado. Não se pôde consentir um idiota ou um torpe a fundar, a escrever, a dirigir um jornal. E' preciso exigir-lhe capacidade intellectual e capacidade moral. O desprestigio da imprensa vem do seu descredito.

Não é facil, bem sabemos, chegar a um resultado completo, em qualquer paiz do mundo, e menos ainda n'um paiz de analfabetos, como o nosso, onde o jornalista, não podendo viver do

seu trabalho livre, desafagado, honesto, ha de viver, em regra, de expedientes, de dependencias, de miseraveis imposições de toda a ordem. O jornalista, o profissional, não pôde ter grande valor n'um paiz que não lê. E' esse um dos motivos porque as redacções, entre nós, admittem tudo. Todavia, com boa vontade nos homens intelligentes e dignos, a começar pelos leitores, poucos ou muitos, que têm na sua mão separar o trigo do joio, protegendo as emprezas mais honestas, muito se pôde fazer.

Ha dias tivemos a curiosidade de ver no *Anuario Commercial* quantos dos nossos jornalistas de talento eram socios da *Academia Real das Sciencias*. Nenhum!

Tamãha é a consideração que n'este paiz se dá ao jornal!

Vimos lá os nomes de varios idiotas. Não vimos o de nenhum d'aquelles que a opinião publica unanimemente considera, e consagrou, como jornalistas de talento. Amadores ou profissionais, o que pouco importa, agora, para o caso.

Está lá o nome do sr. José Caldas. Mas não foi como jornalista, sem duvida, que este illustre publicista teve ingresso no Olympo.

Um idiota escreve quatro trêtas, plagiadas aqui e além, reúne as folhas, e dá-lhes a fórma de livro. Basta, para ser guindado a socio da *Academia Real das Sciencias* de Lisboa. Um homem de valor, de grande valor, ás vezes, farta-se de provar merecimentos n'um jornal, e ninguém, por esse motivo, se atreve a propo-lo *immortal!*

Bem sabemos que não é gloria para ninguem ser socio da *Academia Real das Sciencias* de Lisboa. Bem sabemos. Mas os factos são os factos. E, n'este instante, o que nós queremos salientar, simplesmente, é o desprezo a que no nosso paiz é votado o jornalista e o jornal.

Ora enquanto esse desprezo subsistir, enquanto se não fizer a escolha conscienciosa e apurada dos homens que escrevem em jornaes, enquanto não fôr expulso o imbecil e o pulha, enquanto o jornalista de valor fôr o primeiro a desprezar-se a si mesmo, não ha imprensa livre em Portugal.

Convençam-se d'isso, e n'esse sentido procedam, se quiserem.

A. B.

A nossa carteira

Tem passado incommodado de saude o nosso correligionario Manuel Marques da Cunha. Dizem porém que vae ja melhor o que muito estimamos.

Com sua esposa a sr.^a Baroneza de Recosta, encontra-se em Anadia de visita a seus paes, o sr. Mario Duarte.

Com sua filha a sr.^a D. M. Amelia, partiu para Aguas Santas, de visita a sua familia, o sr. Francisco Manuel Couceiro, abastado proprietario d'esta cidade.

Regressou das thermas da Felgueira, o nosso velho amigo sr. dr. Francisco Antonio Marques de Moura.

Do regimento de infantaria 12, com sede na Guarda, passou para o 24 o sr. capitão Luciano Augusto da Costa.

Estiveram em Aveiro os srs. Antonio Simões Ferreira de Lima, dr. Abilio Gonçalves Marques, distincto medico da Oliveirinha; Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, digno contador da comarca d'Aguada. Também esteve hontem n'esta cidade o sr. dr. Manuel Homem de Mello.

A passar as festas de S. João está em Aveiro o nosso patricio sr. Antonio Candido Moreira, zeloso empregado da commercio em Guimarães.

REPUBLICANOS DO PORTO

A commissão municipal republicana do Porto foi eleita por tres mil quatro centos e vinte e cinco votos.

Os republicanos do Porto, que não vão hoje á urna, ao que parece, manifestaram d'aquella fórma a sua vitalidade.

Muito bem. A commissão compõe-se dos seguintes nomes:

EFFECTIVOS

Dr. Affonso Augusto da Costa, dr. Antonio Luiz Gomes, Antonio dos Santos Pouzada, Antonio da Silva Cunha, Delfim Pereira da Costa, dr. Duarte Leite Pereira da Silva, Enrique Pereira d'Oliveira, dr. Joaquim d'Azevedo Albuquerque, dr. José Nunes da Ponte, dr. Paulo José Falcão, dr. Severiano José da Silva.

SUBSTITUTOS

Alfredo Pinto Ozorio, Antonio Amorim Carvalho, Antonio Emilio Magalhães, dr. Germano Martins, Francisco Xavier Esteves, José Pinto de Souza Lelo, José Maria da Silva Doria, David de Almeida Coimbra, dr. José Joaquim Ozorio, Joaquim de Castro e Silva.

São todos cavalheiros muito considerados pela sua intelligencia e pelo seu character.

Um crime antigo

A noite de Natal no Porto

O caso passou-se no Porto, na noite de Natal de 1902, vae para anno e meio. Manhã cedo, a sr.^a Camilla Rosa Moreira, filha do machinista da companhia das aguas, da casa de machinas que está n'um campo da rua de S. Jeronymo, junto ao monte dos Congregados, ao sair de casa para apanhar umas roupas que deixara estendidas durante a noite, notou que um cãozinho seu vivava desesperadamente na estreita viella que fica situada por detraz da referida casa.

Approximou-se e, horrorizada, viu que estirado no chão, rígido, de rosto para o ar, composto, estava o cadaver d'um homem, com uma larga brecha na cabeça, por onde, á vontade, caberia bem a mão d'uma pessoa.

Gritou afflicta por socorro, acudiu a vizinhança, chegaram policiaes, e mais tarde, depois de levantado o auto, foi o cadaver transferido para a Morgue.

O morto era o chapelleiro Antonio Rodrigues, o «Mazulo», que na vespera, ás 11 da noite, um pouco alegre por excesso de libações, se despedira de amigos, cantando, seguindo pela travessa para o lado do monte e do campo, onde está a casa das machinas.

Toda a gente foi unanime em acreditar que se tratava d'um crime. Indicavam-se até os nomes dos assassinos. Mas a policia embirrou que fôra desastre, que o homem caíra do monte á viella fracturando o craneo na queda, e não houve meio de a fazer mudar de opinião. Todavia, centenas de pessoas, talvez milhares, que viram o cadaver, convençeram-se absolutamente de que o «Mazulo» não poderia ter caído, porque não havia d'isso o menor vestigio. Evidentemente tratava-se d'um crime de assassinio, e toda a gente, sobretudo os vizinhos do local, ficaram com essa convicção para sempre arraigada no espirito.

Mais tarde o relatorio dos medicos, dando razão á policia, pôz termo ás discussões. E o caso foi esquecendo como tudo esquece até que o publico não mais falou n'elle. Mas ha dias espalhou-se no Porto um boato sensacional. Um homem, Agostinho Moreira, oulives, casado com uma filha do machinista da companhia das aguas, e residente na casa das machinas, por detraz da qual appareceu o cadaver do chapelleiro, morrera na semana passada tuberculoso, e antes de expirar confessára, para descargo da consciencia, que fôra elle o assassino do infeliz «Mazulo», de cumplicidade com outros individuos, cujos nomes teria indicado. Sobre-se depois que o boato partira d'um guarda civil de nome Ramiro, o qual sendo interrogado, contou que ouvira a estranha versão d'um sapateiro da rua de Anselmo Bramcamp.

O sapateiro em questão é o sr. Ignacio Pinto Betelho, morador na casa com o n.^o 205. Disse que alludira ao facto por o ter ouvido de varias pessoas; mas nada sabia de positivo. Apenas podia affirmar que na rua é voz geral ter o Agostinho Moreira feito a terrivel confissão á hora da morte, indicando os cumplices. E não houve maneira de lhe arrancar nem mais uma palavra acerca das declarações do Moreira e da veracidade d'ellas. A policia tomou conta do caso.

NA COCHINCHINA

Bateram-se á pistola, em Lisboa, o sr. dr. Joaquim de Madureira e o sr. Alvaro Pinheiro Chagas, trocando-se duas balas, sem resultado.

Ora o sr. dr. Joaquim de Madureira foi sempre adversario do duello. Se o mandassem desafiar, talvez lhe perdoassem a fraqueza. Sendo elle o desafiante, só temos que lamentar mais uma vez a falta de convicções nos homens que se propozeram combater a mentira e o preconceito em Portugal.

Republicanos... da Cochinchina.

Amigo Joaquim de Madureira, velho amigo, prezado amigo, olhe que a coragem, o valor, a dignidade, não estão em curvarmos a cabeça á estupidez, ao erro, á hypocrisia, á iniquidade, porque a maioria dos que nos cercam são estupidos, hypocritas ou iniquos. Está precisamente no contrario.

Sim. O valor, o verdadeiro valor, está em combatermos aquillo que, repugnando á consciencia de todos, todos acceitam como bom. Não ha ninguem que em boa consciencia e em boa razão não condemne o duello. Porque o acceitam, então? Porque teem medo da opinião da maioria.

O duellista, fingindo que não tem medo, não é senão um medroso. Tem medo das criticas dos que o cercam. E não ha medo mais repugnante.

Como não ha coragem igual á do homem que investe denodadamente com a injustiça, com a mentira, com a hypocrisia, com a infamia, sempre que a encontre e onde quer que a encontre. Coragem que se não pratica impunemente. O duellista sabe muitas vezes do *campo da honra* sem uma arranhadura, e quasi sempre com ferimentos que o não matam, antes, quando elle é um bello rapaz como o nosso amigo Joaquim de Madureira, tornando o querido das damas, que muito apreciaram sempre e apreciam os cavalheiros andantes. Mas os que combatem a infamia, a hypocrisia, a mentira social, esses sahem sempre feridos do combate, gravemente feridos, porque a infamia, a hypocrisia, a mentira não perdoam nunca. Nunca! Viagam-se furiosamente em todas as occasiões propicias, servindo-se de todas as armas, ainda as mais vis, as mais repugnantes, as mais ultrajantes.

Nem o nosso amigo Madureira, que é, aliás, um excellente character, nos perdôa o que nós estamos dizendo agora. Quer dizer, só com estas inoffensivas palavras corremos nós, que não somos d'esses combatentes ousados a que nos estamos referindo, mais perigo do que correu o nosso amigo pondo-se na frente da pistola do sr. Pinheiro Chagas. O nosso amigo nada perdeu. Tudo ganhou. Poz na sua pessoa uma nota de bom tom, que a sociedade elegante muito aprecia.

Nós, fazendo de rustico para essa elegante sociedade, arrostando o seu *mau olhar*, arriscamos ainda a perder uma velha amizade, que tem sido para nós muito util e muito agradável. Comtudo, o nosso dever era dizer isto. Depois de tantas criticas acerbas que temos feito ao

duello, algumas com muito applauso do nosso prezado amigo Joaquim de Madureira, andariamos com vileza aos nossos proprios olhos se, por simples amizade pessoal, nos callassemos agora.

Bem sabemos que não é este o criterio de muitos republicanos da... Cochinchina, alguns tão facciosos, tão corruptos, tão cheios de favoritismos e compadrices como aquelles que elles censuram e descompõem a toda a hora. Mas é o nosso, e isso basta.

Os elegantes chamam a isto *má criação*. Pois será. O facto é que nos acostumámos a guiar-nos pela nossa razão e pela nossa consciencia, em vez de nos guiarmos pela razão e pela consciencia dos outros, e que n'esse costume queremos persistir, e havemos de persistir, até final.

Melhoramentos muncelpaes

Já se deu principio á expropriação, do lado da rua de S. Roque, para a abertura do novo bairro da quinta d'Apresentação.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje, das 7 ás 9 da noite, no jardim publico, é o seguinte:

Ordinario. «Encenanza Libre», zarzuela (Gimenez). «Vesperas Sicilianas», quatro estações da opera (Verdi). «Dinorah», selection da opera (Meyerbeer). Ordinario.

O escandalo de Nevers

Os jornaes de Paris andam ha alguns dias a esta parte occupados d'um caso extremamente pittoresco, quasi extraordinario e phantastico: a grande patuçada das autoridades da cidade de Nevers! O *maire*, os juizes, o escrivão de direito, o capitão da gendarmeria e o chefe da repartição das contribuições, emfim todos os representantes da autoridade, depois de um banquete copioso, andaram pela cidade quebrando as vidraças, assaltando as casas e desancando os pacificos habitantes d'esta cidade pacata da provincia!

O escandalo tomou proporções gigantescas, segundo largos detalhes hoje largamente conhecidos. O chefe da policia—por exemplo—despiu-se n'um café-concerto e sahio para o palco a dançar a dança do ventre! O abbade andou em ceroulas montado sobre as costas do *maire*. E este, que é a autoridade principal da terra, assaltou varias casas suspeitas, fazendo varios desatinos.

No dia seguinte as folhas nacionalistas de Paris, mal informadas, surgiram furiosas: —Vejam a desmoralização da 3.^a republica! As autoridades de toda uma pequena cidade a cahirem de bebados e praticando mais desacatos que envergonhariam os *apaches*. Pobre França, eis a gente que te governa!

Mas o mais interessante é que todas essas autoridades,—*maire*, juiz, chefe de policia, padre-cura, escrivão, etc., todos, completamente todos, eram (e são ainda) membros do partido nacionalista!

Por isso mudou logo a tactica. E essas folhas hem-pensantes, que até aqui haviam apresentado o escandalo de Nevers como uma demonstração da impureza das constituições republicanas principiaram logo a dizer que se havia exagerado, que os individuos presos nada ou quasi nada tinham feito e que as autoridades reaccionarias de Nevers continuavam a ser o modelo dos homens sérios.

Mas o facto incriminado tinha sido presenciado por centenas de pessoas. Houve talvez exag ro nos detalhes. Segundo parece, nenhum dos patucos d'essa noite memoravel se puzera n'um pleno café-concerto. Apenas uns dois ou tres estavam em ceroulas e despiram os casacos e colletes. Mas nem por isso deixa de ser menos verdadeira o facto de terem quebrado moveis e vidros de varias janellas.

Nevers não é positivamente a Babylonia do vicio: é uma pacata cidadezinha da provincia, onde todos se deitam ás 9 ou 10 horas. Por isso a esturdia das principaes autoridades n'aquella noite causou um escandalo formidavel.

MINERVA

COMPRA-SE uma já usada, convindo em preço. Carta a esta redacção com as condições.

«POVO DE AVEIRO» Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

CARTA DO PORTO

Após quasi dois mezes de viagem pelas principaes cidades da Europa, chegou no passado sabbado a esta cidade, acompanhado de seu paé, o ex.^{mo} sr. Jeronymo Monteiro da Costa, digno director da importante Companhia Horticola e jardins municipaes, o nosso prezadissimo amigo José Monteiro da Costa, sub-director da Companhia Horticola.

José Monteiro da Costa, e seu paé, que são dois caracteres de eleição, tiveram uma recepção importante por parte dos seus amigos—que são todos quantos com elles conviveram.

Pela nossa parte sinceramente felicitamos pelo feliz regresso.

O partido republicano do Porto, desde ha muito tempo em completa desorganização, parece-nos que vae entrar no caminho da ordem; todos os elementos preponderantes, esquecendo antigas questões, chegaram a um accordo.

Bom será que tudo se regularise e que o partido republicano consiga organizar todas as suas forças a fim de, no momento opportuno e quando a Patria precise dos seus serviços, ellas se encontrarem fortes, disciplinadas, prontas a entrar na lucta.

Como soldado leal da Republica, são esses os nossos votos.

Aos nossos prezados collegas de *O Debate*, *Mundo*, *Norte* e *Povo de Guimarães* a expressão da nossa solidariedade pelas querellas que os serventuarios do governo lhes têm movido.

Realisa-se hoje á noite a eleição da Commissão Municipal Republicana, 22-6-904. A. M.

Um enterro nocturno no Thibet

Um viajante inglez, M. Lepper, dá os seguintes pormenores sobre um enterro nocturno no Thibet:

«Obrigados, eu e meu creado thibetano Hamara, a dormir ao relento, 16:000 pés acima do nivel do mar, tinha eu apenas fechado os olhos, quando Hamara me despertou para me prevenir da aproximação de um cortejo fúnebre. Sabendo que seriamos implacavelmente mortos se nos descobrissem, occultámo-nos cuidadosamente por detraz d'uns rochedos, d'onde, se bem que com algum perigo, pude ver e ouvir quasi tudo.

O cortejo transportava dois cadaveres, dos quaes um foi lançado sobre uma fogueira feita com madeira previamente embebida em gorda. Dois padres moendo orações passeavam ao redor da fogueira bem accessa, ao passo que os assistentes, agitando furiosamente os seus instrumentos predilectos, davam gritos ensurdecedores.

O outro cadaver foi collocado sobre a neve. Os cães selvagens e os passaros da rapina approximaram-se instinctivamente do horrivel festim. Um dos padres avançou passado algum tempo para o segundo cadaver, degolou-o e, fazendo-o em pedacos, começou de atirá-lo aos cães selvagens. A cada oração moida, um grande pedaço de carne era cortado e lançado para longe.

Os ossos foram em seguida pisados n'um almofariz, mettidos no sacco com farelos e lançados depois aos quatro ventos.

Hamara disse-me então baixinho, que este ceremonial macabro está em uso para os mortos que pertencem a familias notaveis. Experimentel, diz M. Lepper, uma repugnancia inventivo quando vi o padre misturar este farelo e o pó de ossos com um bocado de manteiga, amassar esta pasta com as mãos, e engulir-la com avidez com um gole de chá.»

Bem estranho tudo isto!

Festejos ao S. João

Decorreram com muita animação os festejos ao S. João. No Rocio, rua Direita e Espirito Santo foram deslumbrantes. As duas bandadas, Vista Alegre e Voluntarios foram um primôr em execução.

Mais valia que para o anno se unissem e fizesem uma só festa, porque todos lucrariam.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

"PFAFF,"

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para correiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

- Ensino gratis. Garantia illimitada.
- A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
- Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
- Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
- Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

EMPRESA CERAMICA

DA
FONTE NOVA

DE
Mello Guimarães & Irmãos
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marse-
ilha, feita pelos processos mais modernos e aper-
feiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande
quantidade de telha franceza e seus accessorios,
e bem assim outros artigos para construcções,
taes como: azulejos para revestimento de pa-
redes de variados gostos, vasos para frontarias,
siphões, balaustres, manilhas, etc., productos
que rivalisam com os das principaes fabricas
congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

Abastecimento de carnes á cida- de de Lisboa.

Esta empresa previne os cria-
dores de que recebe gado
para açougue nas epochas
propias pelos preços que
constam do seu contracto.

Venda de productos do
Matadouro Municipal de Lis-
boa, sangue secco e pul-
verizado para adubos (o mais
rico em azote), tonelada réis
68:000, tripa larga 240
réis cada massa, tripa es-
treita 260 réis cada massa,
couros todos os sabbados
ao meio-dia, sebo, estrume,
etc.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

José Monteiro Telles
dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Coloca dentes e dentaduras artificiaes. Con-
serta qualquer dentadura partida, ou a que fôr
qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e
a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe
qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito.

RUA DA COSTEIRA
(Em frente da Estátua de JOSÉ ESTEVÃO)

Aos agricultores

Adubo organico para ter-
ras, vende-se a retalho e em
saccas de 75 kilos, no esta-
belecimento de José Gon-
çalves Gamellas, á Praça do
Pelxe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravi-
lhosos para a cultura das terras, con-
vém especialmente para as terras cal-
careas, dependendo a quantidade a em-
pregar-se da qualidade do terreno a que
fôr applicado. Tratando-se d'uma cultu-
ra importante é conveniente submeter
a analyse da terra ao agronomo da lo-
calidade para elle estabelecer essa
quantidade.

“Os ultimos escandalos de Paris,”

Grande romance de Dubut de Laforest,
illustrado de numerosissimas e esplên-
didas gravuras. Mais interessante que
os *Mysterios de Paris* e *Rocambolo*. Ro-
mance de acontecimentos sensacionais
e veridicos occorridos na actualidade.
Obra moralissima pela edificação dos fa-
ctos relatados e pelas injustiças que
esses mesmos factos frequentemente
annuncia. Brinde a todos os assignantes:
Uma elegante capa de brochura para ca-
da volume, impressa a duas côres e com
desenhos apropriados ao assumpto tra-
tado no mesmo volume. Um premio da
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
nas condições dos prospectos em distri-
buição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e
5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de
160 paginas e 20 gravuras, 200 réis.
Assigna-se em todas as terras do
paiz onde temos agentes, e na «Editora»
—Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

Tramways entre Aveiro e Porto

Do Porto para Aveiro e volta—
Partidas: De S. Bento, de manhã,
7 6; de tarde, 6 51. De Aveiro para
S. Bento: De manhã, ás 3-55 e 10 15;
de tarde, ás 4 4.

De Alfarellos para o Porto—Par-
tida: De Alfarellos ás 2 7 da tarde;
chegada a S. Bento 7 45 da tarde.
Este tramway liga com o comboyo da
linha oeste, que sahe da estação cen-
tral do Rocio ás 7 horas da manhã.

Notas alegres

Dois amigos que se não tinham visto
ha muito tempo encontram-se na rua
das Flores.

- Tu por aqui?
- E' verdade. Casei ha quinze dias e
vim passar cá a minha lua de mel.
- E onde está tua esposa?
- Deixei-a em Germalde.

ANNUNCIOS

PADARIA FERREIRA & MACEDO AOS ARCOS AVEIRO

N'ESTE estabelecimento de pa-
daria, especial no seu genero
em pão de todas as qualidades,
se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos,
pão torrado e ralado, café de 1.^a
qualidade, a 7-20 réis cada kilo; di-
to de 2.^a, a 480; chá, desde 1800 a
33600 o kilo; massas alimenticias
de 1.^a qualidade, a 140 o kilo; di-
tas de 2.^a, a 120; vellas marca *Sol*,
cada pacote, a 180; ditas marca
Navio, a 170; bolachas e biscoitos,
pelos preços das principaes fabri-
cas da capital.

Vinhos finos e de meza, por
preços modicos.

Todos estes generos se man-
dam a casa do consumidor á hora
que o exigir.

BAGAGOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa
de Manuel Maria, largo do
mesmo nome, rua direita, d'esta
cidade, e por preços vantajosos
os melhores bagaços para alimen-
tação de todos os animaes.

A NOVA PHASE

DO
SOCIALISMO

POR
JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes
de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160
— LISBOA.

Preço 200

A AMBIÇÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gra-
vuras coloridas por Manuel de Mace-
do e Roque Gameiro, e impressa em
magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas,
40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar GRATIS a quem re-
metter adeantamente a esta empresa
a importancia de dez cadernetas ou
tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceptam se pedidos de qualquer
numero de cadernetas e tomos.

«A Editora»—Largo do Conde
Barão, 50—LISBOA

Precisam-se agentes em todas as
terras do continente, colonias e Brazil.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita
aos Arcos, ha sempre excellente
calçado feito, tomando-se tambem en-
comenda por medida. Pela segurança
da obra e pela boa qualidade dos cabe-
daes se responsabilisam os annuncian-
tes.

Egualmente garantem a todos a mo-
dicidade de preços.

Vêr para crêr

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acoha de nos chegar do estrangeiro, das prin-
cipaes fundições typographicas, uma variedade de ty-
pos de phantasia, proprios para obras de luxo. En-
carragem-nos, portanto, de toda a obra de impress-
ão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer
parte.

Especialidade em cartões de visita